

O AMOR SEGUNDO SLAM DA QENTURA: a ética amorosa nas microrrevoluções cotidianas

Resumo

Este artigo discute a ética amorosa a partir das expressões da atuação do Slam da Qentura, um movimento cultural negro originado na Região Norte do Ceará. Partimos de caracterizações feitas pelas próprias pessoas envolvidas neste coletivo para situar o acolhimento, as suas lutas por igualdade racial, social e pela reafirmação da identidade negra manifestada por meio da arte, da educação popular e das reivindicações públicas. Nossa discussão está ancorada em uma pesquisa de campo realizada a partir da participação em atividades e encontros do Slam da Qentura, além de entrevistas com parte de seus membros. Deste modo, as expressões da atuação do Slam da Qentura entrelaçam conhecimentos implicados no acolhimento e nas trocas de experiências entre os integrantes do grupo, mas também pela ética amorosa constituída entre seus membros e protagonizada por meio da educação popular, incidindo em uma revolução afetiva de transformação coletiva através de elementos simbólicos expressos pela arte marginal.

Palavras-chave: Movimento social; Educação Popular; Raça; Ética Amorosa.

LOVE ACCORDING TO SLAM DA QENTURA: love ethic in everyday microrevolutions

Abstract

The paper discusses love ethic from the activity of Slam da Qentura, a black cultural movement that originated in the northern region of Ceará, Brazil. The study was based on the account of the movement's members to understand their notion of acceptance, the struggle for social and racial equality, and the reaffirmation of their black identity manifested through art, popular education, and public demands. The discussion was anchored in field research developed through participation in Slam da Qentura's activities and gatherings, as well as through interviews with its members. In conclusion, the activities promoted by Slam da Qentura assemble many types of knowledge engaged in the acceptance and the exchange of experiences between the group members, along with the love ethic built among them and carried out by popular education, resulting in an affectional revolution of collective transformation via symbolic elements expressed through marginal art.

Keywords: Social Movement; Popular Education; Race; Love Ethic.

LOVE SEGUNDO SLAM DA QUENTURA: la ética del amor en las micro-revoluciones cotidianas

Resumen

Este artículo discute la ética del amor a partir de las expresiones de la performance del Slam da Quentura, movimiento cultural negro originado en la Región Norte de Ceará. Partimos de caracterizaciones realizadas por las personas involucradas en este colectivo para situar la recepción, sus luchas por la igualdad racial y social y por la reafirmación de la identidad negra manifestada a través del arte, la educación popular y las demandas públicas. Nuestra discusión está anclada en investigaciones de campo realizadas a partir de la participación en actividades y encuentros de Slam da Quentura, así como en entrevistas con algunos de sus integrantes. De esta manera, las expresiones de la actuación de Slam da Quentura entrelazan saberes involucrados en la recepción y en el intercambio de experiencias entre los integrantes del grupo, pero también por la ética amorosa constituida entre sus integrantes y realizada a través de la educación popular, incidiendo en una revolución afectiva de transformación colectiva a través de elementos simbólicos expresados por el arte marginal.

Palabras clave: Movimento Social; Educação Popular; Carrera; Ética del amor.

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais têm demonstrado a insatisfação com relação às diversas formas de opressões utilizadas como mecanismos de desenvolvimento da sociedade brasileira a partir da chegada dos europeus a este país. De acordo com Soares do Bem (2006), o funcionamento dos movimentos sociais não se constitui de modo isolado em si mesmo, mas está diretamente relacionado ao modo como se traduzem as tensões entre diferentes grupos e seus interesses implicados no desenvolvimento de sociedades, como a brasileira. Para o autor, os movimentos sociais funcionam como sismógrafos para cada momento histórico, possibilitando-nos perceber carências, focos de insatisfações e os desejos das coletividades, além de revelar as tensões e contradições sociais históricas das sociedades que, por meio das lutas sociais, extrapolam o caráter localizado da sua atuação para o conjunto da sociedade pela institucionalização jurídico-legal de suas conquistas.

De acordo com Gohn (1995), os movimentos sociais emergem na história do Brasil no século XIX e, mesmo com as contingências da extensão territorial deste país e da ausência de um sistema de comunicação estruturado, alcançaram grande unidade, constituindo-se como fundamentais para a

construção da cidadania sociopolítica do país. Apesar dos interesses diferentes e por vezes antagônicos, segundo Soares do Bem (2006), os movimentos sociais desse período aglutinaram forças sociais no entorno de lutas comuns para a construção de espaços nacionais, organizados sem plataforma político-ideológica bem delineada e por meio de levantes caóticos, diferente dos movimentos sociais do século XX, que se concentraram em lutas específicas e com aportes teóricos e político-ideológicos bem definidos.

No decorrer histórico, a compreensão do que são movimentos sociais passou por diversas mudanças. Porém, no século XX, esteve diretamente relacionada à classe trabalhadora e às suas organizações em sindicatos, como reflexos mais evidentes das contradições entre capital e trabalho pela questão social (GOSS; PRUDENCIO, 2004). Deste modo, é apenas em meados do século XX que as manifestações sociais ganham um peso político, com certa autonomia em relação ao Estado, no qual exerciam lutas por mudanças no cenário social (SCHERER-WARREN, 2008).

Para Romão (2010), a constituição de um campo temático sobre movimentos sociais surgiu na década de 1970, impulsionada pela ação coletiva de grupos do meio urbano, que reivindicavam sua inclusão no modo capitalista de produção por meio do usufruto das políticas públicas. A bandeira de luta dos movimentos sociais não centrava o fim da divisão de classes como origem das mazelas sociais da sociedade capitalista, mas estava voltada para a universalização da cidadania burguesa, caracterizada pelo acesso aos bens e serviços coletivos e por espaço no processo decisório.

No fluxo das alterações sociais da década de 1970, Goss e Prudencio (2004) argumentam que a emergência de movimentos sociais populares erodiu a exclusividade de organização dos movimentos sociais enviesados pela tríade classe, partido e Estado. De acordo com os autores, essa organização passa a ser contestada e os movimentos sociais populares tomam para si a posição de protagonistas, executando ações para além dos aspectos institucionais e da divisão social entre burgueses, camponeses e trabalhadores assalariados. Neste aspecto, a ação política dos movimentos sociais superou a concepção institucional e sua limitação espacial de organização, ampliando-se em ações para a transformação da sociedade que reverberam e transbordam os espaços institucionalizados (GOHN, 1997).

Tal ampliação implicou no papel dos movimentos sociais, que passou a ser entendido como toda e qualquer mobilização de massas humanas que reivindicam suas demandas ao Estado e/ou a determinados segmentos da sociedade civil (SCHERER-WARREN, 1993), sendo as lutas sociais a origem dos movimentos sociais. Nesta perspectiva, a potência de transformação social desses coletivos implica nas estratégias de enfrentamento à opressão e à submissão que, para Touraine (1998), traduzem-se no chamamento à resistência à estrutura que dita a ordem social e tal resistência organizada protagoniza uma práxis de transformação social.

De acordo com Gohn (2010), os movimentos sociais têm papel fundamental na produção de diagnósticos sobre os fenômenos sociais, desenvolvendo, ao mesmo tempo, propostas de mudanças. Além disso, partindo de uma atuação em redes, produzem e potencializam ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Manifesta o chamado *empowerment* de atores e atrizes da sociedade civil, que se organizam em uma práxis, criando sujeitos sociais para essa atuação em rede. Neste sentido, a ideia de práxis é a teoria e ação para transformação da realidade, cujo objetivo final é a superação da condição de opressor e de oprimido (FREIRE, 2014) pela tomada de consciência da realidade que os cercam. A práxis como ferramenta de mudança e conscientização, a níveis individuais e coletivos, promove uma nova perspectiva de vida, rompendo com a lógica de dominação e submissão, devolvendo espaços para que vozes que foram silenciadas historicamente possam ser escutadas (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Soares do Bem (2006) cita as revoltas de escravos, iniciadas ainda em 1807, como exemplos mais antigos de movimentos sociais no Brasil, atravessando a segunda metade do século XIX, com o movimento abolicionista e a criação de quilombos, e chegando ao século XX com o atualmente denominado Movimento Negro. Esses movimentos, em diferentes períodos históricos, concentraram-se em causas que atravessam séculos de luta contra a escravidão, contra as políticas eurocêntricas e de branqueamento da população brasileira, que reverberaram no ódio e no preconceito de raça ou de cor, visivelmente percebidos atualmente pelas políticas de mortes que tomam a população negra como alvo (MBEMB, 2018), sendo diametralmente opostas ao que se propagou como “democracia racial” (FREYRE, 2006).

Este artigo coloca em pauta o racismo, suas formas de expressão social e seu enfrentamento por meio da ação coletiva dos movimentos sociais, tomando como objeto de análise o Slam da Quentura, um movimento cultural negro atuante na Região Norte do estado do Ceará. Nosso objetivo é discutir a ética amorosa a partir das expressões da atuação do Slam da Quentura, focando nas suas estratégias de acolhimento e reafirmação da identidade negra por meio da arte, educação popular e das reivindicações públicas. O texto é parte de uma pesquisa mais ampla, que objetivou compreender como o Slam da Quentura produz saúde¹. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo trabalho de campo foi realizado a partir de uma gramática etnográfica através de fotografias, diários de campo e observação participante nas atividades públicas e reuniões entre membros do Slam da Quentura, realizadas entre os anos de 2018 a 2019, e de entrevistas semiestruturadas com 10 participantes deste coletivo.

O Slam da Quentura é a primeira disputa poética do estado do Ceará, iniciado na cidade de Sobral em 2017. Produzido de forma independente pelo Coletivo Fora da Métrica, o Slam é responsável por promover encontros poéticos mensais na Praça Quirino Rodrigues, mais conhecida como Praça do FB, sempre no último sábado de cada mês. Ao longo desses anos, já foram produzidas 32 edições do Slam da Quentura. Entre elas, algumas edições online realizadas no Instagram e *Google Meet*, devido à pandemia da Covid-19.

As pessoas que adentram ao movimento são jovens da periferia, LGBTQIA+, sobralenses ou da Região Norte do estado do Ceará, em sua maioria periférriques. Trata-se de uma manifestação independente perpassada por uma gramática afetiva através de disputa poética, batalhas de MC's, exposição artística, oficinas e discussões sobre inúmeros assuntos, como homofobia, racismo, amor, luta por direitos (SABINO, 2018; SILVA NETO, 2023). O termo "slam" é de origem inglesa, vincula-se com um "bater com força", fazendo barulho. Desenvolvido nos Estados Unidos, sua história parte de uma poética de rua. Iniciando-se em Chicago, no ano de 1985, encabeçado por Marc Smith, o slam tinha como marca as competições de poesia no Bar Green Mill (VAZ, 2008).

No Brasil, um dos primeiros slam's produzidos foi o ZAP!, encabeçado por Roberta Estrela D'Alva, esta que foi uma das pioneiras de *poetry slam*, trazendo o movimento poético ao contexto nacional no final de 2008. Através de uma

¹ A pesquisa que alicerçou este artigo foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará –UFC/Campus de Sobral.

perspectiva de pertencimento e reconhecimento da ancestralidade negra e valendo-se da arte em sua dimensão simbólica como maneira de expressar e representar suas lutas, bem como as diferentes maneiras de ser, viver e estar no mundo, o Slam da Quentura coloca em pauta uma ética amorosa, uma gramática de afetos coletivos que produz uma práxis transformativa (SABINO, 2018).

O texto está dividido em duas seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira aborda o amor como ação a partir de uma perspectiva de luta e resistência, apontando também o caráter de transformação social implicado na organização de movimentos sociais brasileiros através da luta coletiva. Na segunda seção, discutimos os modos de atuação do Slam da Quentura para pensar as formas de acolhimento e educação popular por meio de uma ética amorosa implicada nas relações entre os membros deste coletivo, protagonizando uma revolução afetiva de transformação coletiva tendo a arte marginal como fonte de elementos simbólicos e identificatórios do grupo.

VIVENDO DE AMOR: A PRODUÇÃO COLETIVA DE AFETOS

A autora bell hooks é uma ativista feminista e antirracista, que possui uma grande produção teórica acerca de temáticas decolonias perpassadas por suas vivências enquanto mulher negra e docente nos Estados Unidos. Em muitos de seus escritos, o amor se torna um conceito importante de transformação social de realidades (hooks, 2001; 2021).

hooks apresenta suas perspectivas colocando em pauta o uso problemático do conceito de amor. Ela destaca que o amor enquanto substantivo ou adjetivo traz à tona uma significação restrita a algo vinculado ao romance, o amor romântico, logo, faz-se necessário verbalizá-lo, haja vista que ele ocorre a partir das relações com outras pessoas (hooks, 2001). Como afirmam Santos e Paquarelli (2016), o amor, articulado à palavra e à ação coletiva, pode se tornar prática insurgente diante de sistemas que silenciam corpos e saberes negros.

Nessa prática de amor, portanto, hooks coloca em voga a importância de atuar contra abusos, negligências e violências, sendo estes incompatíveis com a ação de amar, que se destaca como uma realização enquanto processo subjetivo, singular, mas também coletivo, que necessariamente deve buscar a emancipação. Daí a importância de uma ética amorosa que desenvolva formas

de ser, agir e pensar, destacando uma visão política de aspirações radicais. Caso isso não ocorra, tendemos a nos seduzir por uma fidelidade diária a sistemas de dominação, como o racismo, o sexismo e o classismo (hooks, 2021).

Se partirmos para movimentos sociais após essa breve definição de amor, podemos discutir sobre os processos coletivos políticos que lutam contra diversas opressões a partir de uma ética amorosa. Contudo, questionamo-nos sobre movimentos sociais que passam inúmeros anos trabalhando para resistir e se opor a uma forma de dominação. Será que estes não podem estar sistematicamente apoiando outros mecanismos de opressão mesmo lutando contra um determinado outro? Líderes políticos podem se destacar de forma fervorosa contra o racismo, mas aceitar a dominação sexista de mulheres, bem como mulheres feministas brancas que lutam diariamente por equiparação salarial, tentando erradicar o sexismo, podem não reconhecer o racismo como pauta de luta.

Antes de adentrarmos a esta problemática novamente, é necessário fazer um adendo e definirmos o que seria um movimento social, haja vista que o sujeito de pesquisa deste manuscrito é um movimento grupal. Desta forma, movimento social é uma espécie de sequência de confrontos sociopolíticos contínuos e apoiados por vínculos afetivos já estabelecidos. Em outras palavras, são dinâmicas coletivas pré-determinadas que mantêm o grupo em contínuo movimento. Isso se torna divergente de casos de protestos que são específicos e esporádicos, por causas fragmentadas e desconexas (TARROW, 2009).

Um exemplo pioneiro de movimento social é o Movimento Negro e sua contribuição coletiva contra opressões e subjugação do povo negro no contexto histórico e social brasileiro. Contrapondo o que se propagou como “democracia racial” (FREYRE, 2006) pelo processo de miscigenação, o Movimento Negro nos mostra que o povo negro nunca foi passivo e submisso às condições oferecidas neste país. Pelo contrário, essa população sempre se organizou coletivamente, criando estratégias de resistência em relação à maquinaria de opressão vigente em determinados períodos e contextos históricos, como é o caso dos quilombos, vistos no Nordeste desde 1559 (GONZALEZ, 2020).

Para Barbara Smith (1983), mulheres negras e homens negros estavam do mesmo lado quando o assunto era o racismo que os atravessava, mas em posições divergentes quando o assunto era o sexismo sofrido por essas mulheres. Se pensarmos assim, o movimento feminista neoliberal parte da

defesa de mulheres sobre melhores condições de trabalho e direitos sobre a liberdade de seus corpos. Porém, pautas raciais não são levadas em consideração. Mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar enquanto mulheres negras estavam há décadas em trabalhos subalternos, escravizadas pela Casa Grande, inclusive pela própria mulher branca.

Daí a importância de um feminismo negro latino-americano, este que supõe que estudar gênero sem estudar o sistema racial, que estrutura as relações e vice-versa, é estudar os fenômenos pelo caminho que universaliza o ser, que serve apenas ao ideal eurocêntrico e reverbera nos privilégios de uma população em detrimento de outra (GONZALEZ, 2020). Logo, são essas pessoas que compartilham bagagens históricas de lutas por emancipação. Ainda assim, mesmo nos movimentos negros de resistência, o sexismo era algo presente por colocar mulheres racializadas em posição de inferioridade e retiradas das esferas decisórias do movimento (GONZALEZ, 2020). As categorias gênero, classe e raça formam as opressões que orquestram as explorações e hierarquizações na sociedade.

Por isso, é importante tencionar as perspectivas afetivas e de luta dos movimentos sociais. Neste sentido, a interseccionalidade como um conceito político é imprescindível para o reconhecimento das opressões e desigualdades sociais advindas das diferenças de classe, raça e gênero, mas também pode ser vislumbrada como mecanismo político de luta coletiva pela superação das desigualdades e opressões (COLLINS, 2015).

Pensando na perspectiva do “ser negro(a)”, é importante destacar o espaço de não lugar, a imposição de uma “zona de não-ser” (FANON, 2020). Para o homem negro, uma zona de não-ser implica um não sujeito, um Outro. Este, passível de morte, pois se destaca como um não humano. De acordo com Mbembe (2018), a morte é o local em que os corpos são atravessados por uma engrenagem de poder, que classifica o que é ou não descartável. A necropolítica opera como uma macroestrutura em países colonizados, colocando em evidência uma lógica de soberania, em que o soberano possui o poder sobre a morte e sobre a vida, isto é, desempenha o direito de “fazer morrer e deixar morrer” (MBEMBE, 2017).

Nesta relação de não humano, o negro se torna não apenas um ‘Outro’, uma diferença a um self (eu) da pessoa branca, mas também a uma alteridade, a personificação de características repressoras do self do sujeito branco. Em

outros termos, o negro se manifesta na representação psíquica daquilo que o sujeito branco não deseja se assemelhar nunca (MORRISON, 1992). Mulheres negras, nestas relações, por não serem nem brancas nem homens, perpassam espaços de exploração dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Desta forma, a negra passa a ser a outra e jamais o eu, uma existência como a “Outra” dos outros, isto é, o retrato de uma desqualificação, um modelo que tenta a todo instante configurar a não existência, um desvalor de não apenas ser um Outro, mas um Outro do Outro (KILOMBA, 2019).

Diante disso, a mulher negra é o “Outro do Outro”, pois é o outro do homem, o contraste da masculinidade, e o outro da branquitude, estando categorizada na posição mais vulnerável na supremacia patriarcal e colonial (KILOMBA, 2019). Atravessadas também pela classe, há uma posição social de não-ser perpassada em números explícitos: jornadas de trabalho, ocupação de cargos de chefia ou direção, moradias, desempregos (IBGE, 2019).

Levando em conta esta explanação, é importante que haja uma compreensão acerca da interseccionalidade, destacando a perspectiva de raça, classe e gênero sem hierarquizá-los, e sim compreendê-los conjunta e dialeticamente. Daí a relevância da luta coletiva perpassada por uma perspectiva consciente da realidade desigual, empobrecedora e de exclusão.

Partindo desta perspectiva interseccional, neste momento, torna-se importante a discussão de movimentos sociais a partir de uma ética amorosa. É um erro comum de muitos pesquisadores que buscam compreender movimentos sociais apenas no viés único de luta, por exemplo, movimento negro, pauta racial; movimento dos sem-terra, pauta territorial; movimento feminista, pauta de igualdade de gênero. Muitos movimentos sociais, de fato, lutam pela própria sobrevivência ao ponto de ser mais importante do que o amor, as emoções, o afeto. Como amar de barriga vazia? Sem casa para morar? Como mães periféricas e negras podem produzir afetos quando os seus filhos estão sendo mortos diariamente pelo Estado necropolítico?

Podemos questionar também sobre os mecanismos de felicidade, progressos, uma vida melhor. O foco é subir na vida, geralmente, passando uma percepção de que o amor é uma perda de tempo, um sentimento, ato que os impede de lidar com coisas mais importantes (hooks, 2021). Mas o que, de fato, é o amor? Como amar em tempos de cólera? Como produzir afetos em meio a desigualdades, pobreza e exclusão?

Mesmo em contextos de iniquidades sociais, quando a luta pela sobrevivência se faz potente e necessária, é possível encontrar espaços para amar, expressar criatividade, trocar afetos. Aquele tipo de afeto que alimenta a alma, o coração e também o estômago (hooks, 2021), buscando matar uma fome de existência. Neste sentido, as necessidades emocionais e materiais são pautas imprescindíveis no processo de resistência coletiva.

O amor precisa estar presente na vida de todos os movimentos sociais, culturais, seja de mulheres negras, seja de indígenas, trabalhadores rurais, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem produzido diversas dificuldades nos cotidianos de inúmeras pessoas, que focam na garantia da sobrevivência material esquecendo-se da afetiva. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente (hooks, 2021).

As ações coletivas, quando guiadas pelo diálogo, fazem-se implicar numa empatia recíproca, despertando no outro a vontade de ser mais, chegamos à definição de uma ética amorosa. Se partirmos de bell hooks (2021), Paulo Freire (2019) e do Pastor Henrique Vieira (2019), uma ética amorosa se destaca como uma espécie de pedagogia firmada pelas trocas de saberes advindos das vivências de cada sujeito. Desta forma, cada indivíduo contribui com o seu saber empírico, influenciado pela sua cultura e seu contexto social, trazendo o diálogo reflexivo e crítico como fator de potência subjetiva e coletiva. Daí o surgimento de uma produção identificatória com os outros, reforçando a relação de ambos, norteadas por vínculos afetivos.

Amar, logo, torna-se uma ação pedagógica permeada por, inicialmente, uma conscientização. Os participantes que integram movimentos coletivos percorrem um caminho educacional baseado para fora da educação tradicional. Para Gohn (2015), os movimentos sociais também são espaços que promovem educação, esta fundada numa amorosidade. Uma educação não formal, permeada através de organizações sociais, que buscam desenvolver a participação dos sujeitos como agentes ativos na sociedade, por meio da valorização da cultura, da política e da aprendizagem que não se limita aos muros de uma instituição, podendo acontecer em outros espaços (GOHN, 2011).

Educação Popular, neste manuscrito, traz à tona a visão freireana, em que se define como uma construção coletiva de conhecimento, colocando a funcionalidade dela a partir da realidade das relações entre as classes populares,

demandando respeitar saberes socialmente produzidos no cotidiano comunitário (FREIRE, 2014).

Essa educação é coletiva, popular, como mostrado nos estudos de Silva Neto (2017; 2020), onde se destaca a importância dos movimentos sociais, culturais na produção de conscientização e empoderamento dos sujeitos. Nesse sentido, é imprescindível compreender a perspectiva do conceito de empoderamento, este como uma práxis dialética, isto é, que se retroalimenta de maneira contínua (GONZALEZ, 2020). Em outras palavras, entender que o empoderamento individual e o coletivo são ações conjuntas, sem separações, pois fazem parte do mesmo processo. Desse modo, uma coletividade empoderada é potencializada através de pessoas empoderadas, ou seja, sujeitos de consciência do seu eu social e de suas implicações e condições de vida constroem um empoderamento coletivo (GONZALEZ, 2020).

Empoderamento é, então, resultante de relações entre sujeitos que se desconstroem e se reconstroem em suas redes contínuas de afetos, visando transformações sociais, estas devendo ser desfrutadas por todas as pessoas (BERTH, 2019). Por isso a importância de uma consciência crítica do que seja empoderamento. Joice Berth (2019) destaca que o empoderamento é uma ação gradual: a realidade de uma pessoa que pertence a um grupo oprimido e apresenta visões críticas acerca de sua realidade não a exclui da dimensão estrutural de violências e fragilidades sociais, que abarcam também sua coletividade.

Pensando por esta via, sujeitos negros compreendidos como empoderados partindo unicamente do crivo da autoafirmação estética, por exemplo, reproduzem equívocos racistas inconscientes no seu cotidiano, evidenciando uma banalização das lutas antirracistas (BERTH, 2019). Isso ocorre, segundo Gonzalez e Hasenbalg (2022), na América Latina, porque o racismo é mascarado o suficiente para que pessoas negras sejam ideologicamente manipuladas ao ponto de não conseguirem identificar que estão perpassadas por um sistema de dominação racista e patriarcal. Daí a importância de uma compreensão de empoderamento coletivo e entrelaçados por uma educação política e popular.

Paulo Freire (2014) diz que a educação é política, relacionada diretamente a ideais, tendo uma finalidade e desejos que podem ser implantados e realizados perante um projeto de sociedade. Logo, entende-se que movimentos sociais são uma manifestação de atividades coletivas e que estão alicerçadas em lutas

culturais, políticas, sociais e econômicas (GOHN, 2014). Para afirmação enquanto organização coletiva, torna-se imprescindível estar pautado em demandas que demonstrem seus interesses, estruturação em lideranças, organização e mobilização social, além de ideais que apoiem suas manifestações (GOHN, 2014).

Os movimentos feministas são exemplos desta manifestação de potência coletiva, pois proporcionam, com o decorrer da história, impactos sobre a sociedade, abordando questões sobre violência, igualdade entre os gêneros e lugar na sociedade, como espaço político. Ademais, movimentos de orgulho negro tiveram impacto notável diante da sociedade, como é o caso das cotas para estudantes racializados para adentrar à universidade (GOSS; PRUDENCIO, 2004). O movimento negro teve importante papel ainda para que nos anos 1980 e 1990 o Brasil pudesse começar a quebrar a ideia de democracia racial e pudesse se reconhecer enquanto um país racista (CARONE; BENTO, 2012).

Movimentos sociais buscam promover uma conscientização social em relação aos mecanismos de opressão que vigoram e atravessam seus corpos, e que construíram a nação a partir da marginalização de determinados grupos sociais (MARTINS, 1981). A partir da conscientização, de uma ética amorosa, os indivíduos terão autonomia enquanto pessoas de direitos para cobrar a responsabilização do Estado diante de toda dominação e agir em prol da libertação coletiva (ARAUJO; SILVA, 2021).

Conscientização é também se dar conta que a luta não é apenas material, mas também simbólica, afetiva. Ter direito a amar é um ato revolucionário, principalmente diante de um contexto nacional de política de morte. Por isso, a importância de nos autorizarmos a amar. Lutar é também se preencher de afeto consigo mesmo e com os outros.

A arte e a prática de amar se desenvolvem com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar enquanto sujeitos de história, uma gramática de amor, luta e revolução. É nesse ponto que a arte negra, como artimanha poética e insurgente, ganha centralidade. Como escrevem Santos e Paquarelli (2016), diante dos atentados epistêmicos que silenciam saberes negros, a palavra poética atua como tática de reexistência, mobilizando memória, corpo e coletividade. Essa estética da insurgência, quando atravessa a rua, o gueto e o cotidiano, funda um território simbólico próprio, onde se pode conjurar afetos, denunciar violências e inventar futuros.

Partimos agora para o processo de movimento a partir da configuração do Slam da Quentura. Este movimento tem como um dos fundamentos principais a conscientização, a educação popular, o orgulho negro e o afeto como armas contrárias às opressões do Estado. O Slam da Quentura está imerso no contexto da Região Norte do Ceará, em Sobral.

O SLAM É UMA VIAGEM: A ÉTICA AMOROSA NO SLAM DA QUENTURA

A palavra "slam", como já mencionado anteriormente, é uma onomatopeia da língua inglesa que está relacionada a um tipo de som, uma batida de porta, movimento este que faz barulho. A onomatopeia foi usada por Marc Kelly Smith, um proletário de construção civil e poeta, para nomear o *Uptown Poetry Slam*, evento de poesia que surgiu em Chicago, em 1984 (NEVES, 2017).

O termo "slam" é usado em finais de torneios de beisebol, tênis, basquete. Marc Smith trouxe à tona este termo como vinculado também aos campeonatos de performances poéticas que ele organizava, em que slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público. Assim, iniciou-se os primeiros slam's em um bar em Chicago, espalhando-se para as periferias da cidade. Esse tipo de campeonato poético se proliferou para além dos muros do estado de Chicago, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, pelo mundo (NEVES, 2017; D'ALVA, 2014).

Roberta Estrela D'Alva (2014), atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, slammer (poetisa) brasileira foi uma das pioneiras do Poetry Slam difundido no Brasil no final de 2008, quando fundou o *ZAP! - Zona Autônoma da Palavra*, Slam em São Paulo. A partir desse movimento poético, outros slam's foram surgindo pelas cidades brasileiras, como o Slam da Quentura, que teve início em março de 2017, pioneiro no Estado do Ceará no formato de slam, e reuniu jovens das periferias de Sobral numa determinada praça da cidade chamada de Quirino Rodrigues, localizada no centro da cidade. Os/as poetas, poetisas, poetas que adentram o movimento são jovens da periferia, negros/as e LGBTQIA+ (SABINO, 2018). Trata-se de uma manifestação marginal em que jovens se encontram uma vez por mês para praticar atividades como Disputa Poética, Batalhas de MC's, exposição artística.

O Slam da Quentura é composto por inúmeras pessoas de vários bairros periféricos de Sobral-CE, que, em dado momento, sentiram a necessidade de se

organizar como movimento de juventudes em prol de reconhecimento, lugar de fala e espaços de lazer. A negação de inúmeros direitos, como saneamento básico, moradia, alimentação, saúde e educação de qualidade são ações propositalmente baseadas em políticas de abandono, de morte, do “deixar morrer e fazer morrer”. Em meio a essa necropolítica, as juventudes pautam seus desejos e conseguem legitimar e (re)ocupar espaços retirados deles de forma velada.

Saymon Lopes, que eram um dos organizadores, Slam Master, pautou o Slam da Quentura como um “salvar vidas”:

E eu acho que é... é... um dos nossos papéis na produção do Slam, meu, também... de todo mundo, é salvar a vida dessa galera. Porque é uma galera marginaliza... todos nós do Slam somos marginalizados. A gente já tem o... a galera já olha pra gente de um olhar diferente, já vê a gente de um jeito diferente. Mas a gente vê que aquela galera que vai pro Slam, uma vez no mês, e sai lá daquela periferia, que sai lá do Sumaré, sai dos Terrenos Novos, sai do Recanto, que pega seu metrô até chegar na praça do FB, é uma galera que não tinha perspectiva de vida. E lá, no Slam, com as poesias, com o que a gente vai... com o que a galera vai falando, trocando ideia, trocando papo, a galera vai vendo a vida de um jeito diferente. Eu acho que é isso que engrandece o Slam e é isso que me faz querer continuar no Slam.

Acreditamos na importância de um movimento cultural, da poesia falada, ou, como as próprias pessoas do Slam relatavam, de poesia marginal. Em relação ao “salvar vidas”, destacamos que não é um salvar eurocêntrico, embranquecido e católico, que prega o salvamento da alma através da culpa pelo pecado. Essa ação diz respeito às mudanças na vida da pessoa que usufrui de uma espécie de tráfico poético, da poesia marginal. Não é apenas um momento a cada mês em que pessoas se reúnem para recitar poesia. São espaços de re(ocupação), de lugar de fala, de protagonismo social e exercício de cidadania ativa. São também momentos de celebração, de paquera e de desenvolvimento de novos laços, de respeito, de amor.

O Slam da Quentura promove novas perspectivas de existência, atuando por intermédio de uma ética amorosa pelo viver em harmonia, que, segundo hooks (2021), abre caminhos para a transformação social. Em outras palavras, esse conceito se define como uma práxis, significa inserir todas as dimensões do amor: cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento. Só existirá uma ética amorosa se não existir uma hierarquia, uma imposição, ideologias dominantes que oprimem e matam.

Daí a perspectiva de que o Slam da Quentura não se resume a um movimento de poesia que se reúne uma vez no mês para um encontro poético. A práxis que une essas juventudes de vários lugares é a arte, a poesia, as várias formas de celebração, de gestos de amor, respeito e alteridade. Como eles e elas afirmam em suas edições de Slam da Quentura, a Disputa Poética é apenas uma desculpa para o encontro, que manifesta uma celebração, conforme afirma outra pessoa entrevistada, Diego Clementino:

O nosso Slam da Quentura, pra gente, é como se fosse uma comunidade, é como se fosse uma família... quem organiza mesmo, é como se fosse uma família. A gente marca um dia pra fazer reunião, a gente, geralmente, tira um domingo de manhã, de tarde e, às vezes, até de noite. A gente marca pra... cada um levar alguma coisa pra gente poder fazer um rango gostoso na casa de alguém... ou então quando vai pra praça fazer piquenique. Pra mim... o que representa, pra mim, é família, assim... eu me encontro junto com o pessoal que organiza e aqui é a celebração.

Aqui, o conceito de família está para além do parentesco consanguíneo. Weston (2003) afirma que uma das atitudes mais essenciais a esse respeito é a de desestabilizar a visão de família associada à consanguinidade, enaltecendo o caráter social dessas relações. Acreditamos, assim como o autor, que "acesso ao parentesco", termo que ele usa em seus escritos, significa se inserir em outros laços de afeto, de auxílio mútuo e de cooperação, sem que essas manifestações sejam produzidas por uma lógica de sangue (WESTON, 2003). Como o próprio Diego Clementino fala: "O nosso Slam da Quentura, pra gente, é como se fosse uma comunidade, é como se fosse uma família eu me encontro junto com o pessoal que organiza e aqui é a celebração. É...é o momento. O auge".

A ética amorosa colocada em pauta no Slam da Quentura pulsa através da amizade, dos afetos, das trocas de conhecimento, do acolhimento à dor do outro, arte, música, que se entrelaçam a partir das suas formas de ser, agir e pensar. O amor que nutre o Slam da Quentura é o amor que hooks (2021) descreve: é ação para transformação, ou seja, está presente nas relações, na linguagem e na forma de se comunicar com o mundo.

No Slam da Quentura, as identidades formadas nesse encontro coletivo dizem das próprias atividades que são promovidas por seus integrantes. Isso fica perceptível quando Diego fala do objetivo do Slam: "Com o existir, com a resistência... de se auto ver, de ver outras pessoas também, que é igual a mim,

que também cria arte, né, da resistência e é autônomo”. As autopromoções, o fazer poesia e arte implicam em identidades de resistência com finalidades de comunhão, de família, uma construção de laços afetivos, de amizade, que extrapolam a ideia de consanguinidade (SILVA NETO, 2020). Ao conhecer mais esse movimento, percebemos que a amizade, nesses momentos, são relações entre aqueles e aquelas que se completam, ou mesmo que se diferenciam, numa relação de falta também, em que há uma potencialização do fazer viver, potências de vida manifestadas a partir das artes.

Ainda sobre as manifestações de laços de amizade e potencialização do viver, é importante uma não romantização destas atividades. É necessário destacar que a construção destas ações, as relações sociais que perpassam este movimento são, por vezes, dolorosas. Relatar angústias e momentos pessoais difíceis por meio da poesia, falando para um determinado público, pode ser doloroso ao mesmo tempo em que também traz certo alívio. Como diz Gleison Prado Lima, 19 anos, conhecido artisticamente como Josh Brandohw, poeta, slammer e ator:

É mais uma busca de alívio mesmo, porque o Slam, de uma certa forma, é um momento de expressão. Tipo... passa meses, ou até semanas, escrevendo aquilo, batendo cabeça e tal, jogando tudo o que tu sente naquele texto e quando tu vai lá, tu recita, tu expressa e, de uma certa forma, isso te alivia, te dá uma autoestima, pelo menos pra mim, né?! Ao meu ver.

O sistema escravocrata brasileiro e sua política de morte produziram subjetividades raciais e divisões não apenas geográficas, mas também afetivas, uma vez que desenvolveram condições complexas para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual, perceptivo e de autoamor. Falar de condições difíceis de amar, mas não impossíveis. Só que, para que haja uma ética amorosa, é imprescindível reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem a capacidade de amar (hooks, 2001).

O Evangelho de João 3:14-18: “Aquele que não ama ainda está morto”. Partindo desta perspectiva, o Slam da Quentura só vive porque ama. E o amor é coletivo. O amor é atitude, sobretudo. Uma decisão de vida. Uma forma consciente de vida. Portanto, pensar sobre o amor é colocar em voga a materialização de atitudes que viabilizam a expansão da vida, potencializam as pessoas para que, minimamente, possam realizar as suas individualidades em

meio a pautas coletivas, sem uma perspectiva dicotômica. Que produzem um ambiente histórico e social de justiça, de igualdade, de liberdade (VIEIRA, 2019).

Fran Nascimento, uma das organizadoras do Slam da Quentura, destaca algo semelhante sobre o amor em sua poesia “Do que me engasga”:

[...] Ouça...com atenção, ouça...
O silêncio te frustra?
Lugar de escuta assusta
Mas eu sou muralha, fortaleza, Viçosa, Cariri, Sobral
Eu vim de longe, vim de lá pequenininha
Aprendi a construir o novo em recortes de livros
Que me foram dados no fundamental
E vi que fundamental mesmo são nossas bases,
Os nossos e nossos corres,
Que no final ninguém socorre e é só corre!
Não sou médio, superior, mas sou fundamental para alimentar as
cadeias
(Não as públicas) nem as de mão-de-obra barata,
Mas as cadeias produtivas de circuitos culturais
Aquele vetin ocioso, da esquina,

Hoje produz sua batalha de MCs!
E quando disse em certa poesia
Que da periferia surgem potências,
Cuidado! Matamos o estado das bases
Criamos a nossa educação
Na construção de mundos em que consideram a nossa existência
Aí está nossa resistência!
Cuidado! Levamos o estado à falência múltipla de todos os órgãos
Prosseguimos
Recriando o vital
Matando a moral
Rap de beco a beco fatal [...]

A “moral morta” destacada por Fran é justamente essa que oprime, que ofende, rebaixa as pessoas empobrecidas, periféricas, negras. Quando ela menciona em sua poesia que na periferia existe potência há uma práxis educativa, uma amorosidade, uma ética alicerçada por meio de formas de arte, como a poesia marginal. É através desse tráfico poético que muitos(as) jovens conseguem subverter a ordem, estabelecendo, coletivamente, reconhecimentos de amor, direito e estima. O Pastor Henrique Vieira coloca em pauta o amor não como destino, sorte. Ele destaca que o amor pode ser idealizado, mas acima de tudo ele é um caminho que se percorre, uma decisão e uma forma de se viver (VIEIRA, 2019).

Zygmunt Bauman traz uma visão do amor a partir das exigências do capitalismo, destacando uma fragilidade de relacionamentos em tempos de mudanças e adaptações rápidas. Logo, o amor se torna cada vez mais descartável conforme a vida exige mais praticidade. Bauman indica uma espécie de contradição: ao mesmo tempo que desejamos nos relacionar, não queremos. Idealizamos um compromisso com outra pessoa, mas rejeitamos ser cobrados por isso. Queremos nos relacionar afetivamente, amorosamente, mas não desejamos encarar as responsabilidades de uma relação (BAUMAN, 2021).

A ideia de Bauman sobre o amor líquido pode receber críticas, pois alguns colocam a liquidez do amor como liberdade da fluidez dos relacionamentos, possibilitando preencher todos os cantos dos seres que amamos. O que desejamos destacar é uma reflexão sobre a descartabilidade cada vez mais forte e comum de relacionamentos. Contudo, é possível não fazer parte deste imbróglio e se dedicar e receber amor que não seja descartável.

As potências de vida produzidas no Slam da Quentura são, para além de uma estética poética, maneiras para as juventudes periféricas se encontrarem, manifestarem seus sentimentos e serem reconhecidas. Tendo em vista a realidade nacional de política de morte, ser slammer no Slam da Quentura é nadar contra a corrente, é ser o oposto do que o estado de exceção diz, é não se assujeitar às normativas embranquecidas, europeizadas e racistas (SILVA NETO, 2023). É amar em tempos sombrios. Amar em tempos de cólera é um ato revolucionário.

Quando falamos de potências de vida, não ancoramos formas de reexistir que superam as mazelas sociais, abarcando uma plenitude suficiente para resolver os problemas de séculos de escravidão, desigualdades e exclusão. O que queremos trazer é a ideia de que essas formas de arte marginal são um alicerce interessante para sobreviver e subverter as normativas, manifestando formas de afetos, educação e saúde, ações que políticas públicas não alcançam, mas que são importantes para essas juventudes.

Existe uma “vontade de verdade” (NIETZSCHE, 2005) por parte dos membros do Slam da Quentura, que buscam provocar rupturas com comodidades e mitos sociais, travando uma gramática de guerrilha que reconhece, em consonância com o próprio Nietzsche (2005), as inverdades como condições de vida, indo de encontro a propostas perigosas de valor, além do bem e do mal.

Em outras palavras, a estética crua e nua da poesia marginal é compreendida como práxis fundamental de afirmação do espírito livre contestatório. Para além disso, são potências da vida nas relações de poder que perpassam condições primordiais para que as juventudes mudem os conformismos perante a realidade de desigualdades, exclusão e empobrecimento e encontrem seus lugares de reconhecimento (SILVA NETO, 2023). A fala de Fran destaca um pouco disso:

[...] O que elas têm a dizer e o que elas produzirem. Isso, pra mim, representa um espaço... lugar de fala pra várias pessoas. E, assim, eu fico muito feliz de ouvir cada... cada pessoa que vai lá...é... me contempla essa fala. Pra mim, é um espaço de ver a própria evolução de cada um, é um espaço de... é meio que... como posso dizer? Assim...tem várias pessoas, de vários bairros diferentes e naquele momento ali não há rixa, entendeu? Assim, naquele momento, é um momento que todo mundo tá lá pra contemplar, é... a arte, a poesia [...].

Fran afirma que no Slam da Quentura está para contemplar a arte. Para além disso, é uma reterritorialização de espaços, de afetos. As questões de territorialidade, territorialização e território são importantes neste manuscrito porque enaltecem as formas simbólicas que perpassam o Slam da Quentura, que possui como instrumento artístico principal a poesia marginal, mas que não se resume a ela.

Fuini (2014) levanta a pauta de que a territorialização (ou reterritorialização) seria o movimento de desenvolver referenciais simbólicos e identitários (materiais e imateriais) atrelados a um recorte espacial definido, formando, assim, uma unidade. Também é denominado enraizamento territorial e é justamente isso que o Slam da Quentura faz, territorializa, implanta um enraizamento nesse território em um movimento não apenas uma vez por mês em uma praça, mas sim carregados de movimentos nos corpos diaspóricos de seus membros e membras. São uma reocupação territorial da praça, mas também do afeto, este distribuído nas relações, no amor, manifestando atividades que produzem uma simbologia identitária que une diversos(as) jovens em torno de objetivos comuns.

A cada abraço, beijo, troca de olhares, riso ou poesia declamada há uma esperança para as juventudes periféricas: existem potências de vida que buscam reescrever suas histórias, que foram/são oprimidas diariamente. Como

declararam Guattari e Rolnik (1996), o território pode se desterritorializar, e o Slam da Quentura faz isso quando passa a abrir-se e engajar-se em linhas de fuga de uma realidade desigual, excludente e pautada em uma política de morte.

Com a expressão “linhas de fuga” destacamos as atividades de enfrentamento que remetem a uma viagem, uma fuga de uma normativa imposta de forma silenciosa, em que se coloca nas entrelinhas que pessoas de periferia não devem ocupar o centro, devem ficar às margens (SILVA NETO, 2023). A poesia se torna um grito, um ato político, uma exaltação dos lugares de origem, dos espaços simbólicos, sobretudo, quando manifestam a quebrada, a favela, a “perifa”, como uma maneira de criar uma nova visão não atrelada apenas à violência e ao tráfico de drogas, mas às potências de vida.

É importante salientar que o Slam não se resume a poesias, ele inclui também o poder de informação, além do lazer que se concretiza nos abraços, sorrisos, no beijo na boca, numa troca de olhares, ou mesmo em goles e mais goles de vinho barato. Essa forma de ocupar também é resistência, também é política. É uma viagem.

Em relação a essa viagem, Fran ressalta: “uma viagem por cada um que tá ali recitando, e isso... perpassa pelas questões de onde as pessoas vêm, o local de fala delas. Uma viagem pelas inquietações de cada pessoa que tá ali recitando ou participando da Batalha”.

Daí a ética amorosa se perpetuar de forma coletiva. Martin Luther King, pastor e ativista político dos EUA, colocava em pauta em seus sermões a perspectiva de um semear. Este ato seria um projeto humanitário de produção de amor e justiça (KING, 2021). Ele pregava, acima de tudo, a não violência. Esta, segundo ele, é modo de vida, que não pode ser confundido com acomodação, complacência com o mal, com as injustiças sociais. Não obstante, não é sinônimo de passividade, mas processo de resistência (KING, 2021).

No Slam da Quentura, existe uma proposta de semear a justiça, o amor coletivo. Neto Duarte, membro do Slam e ator, pontua:

[...] dar voz e vez. Dar aquela voz à pessoa e o silêncio pra ela saber que tá sendo escutada. O foco mesmo, a missão do Slam é dar voz à pessoa, se sentir parte do mundo, gritar, remoer tudo que tá dentro dela através de um texto e jogar para os outros escutarem e aplaudirem no final. Acho que essa é a mensagem, pra pessoa se sentir também valorizada em meio ao caos que ela vive.

O Slam da Quentura é um semear de sentidos, trazendo questões de amparo e de lugar de escuta, relatos que podem ser ouvidos através da poesia, crua, nua. Por vezes, nas edições do Slam, após o declamar de alguma poesia, choros de desabafo e alívio por conseguir relatar suas emoções, seus engasgos, desabafos. Isso também se insere na questão da Promoção de Saúde Marginal (SILVA NETO, 2023), pois falar e ser escutado(a) é promover saúde, principalmente, no que diz respeito às pessoas que não possuem espaços adequados para serem escutadas, seja por causa das diversas formas de exclusão, como o não alcance de políticas públicas, seja pelo contexto de violência cotidiana que muitos e muitas do Slam da Quentura vivenciam diariamente (SILVA NETO, 2020). Quando falamos de sentidos, referimo-nos a essas sensações, os impactos que foram relatados por Silva Neto. É uma territorialização de sentidos, em que formas simbólicas através da arte são manifestadas, (re)ocupando espaços públicos e simbólicos, potencializando o afeto.

Diante de tempos líquidos, em que há um solo não tão fértil para semear afetos e amores duradouros, o egoísmo se torna a marca extremamente negativa de uma construção de uma sociedade individualista. Luther King (2021) destaca que o egoísmo e a violência são as geradoras das desigualdades, que estão enraizadas no *modus operandi* de muitas sociedades, colocando em pauta corações que abafam, muitas vezes, o potencial de uma boa semente. Contudo, acreditamos nas potencialidades marginais de afeto e amor no Slam da Quentura, pois cada pessoa envolvida no movimento, cada uma delas, sonha, deseja numa espécie de força paradoxal do grão que precisa morrer para dar lugar ao viço e frutos de um novo e surpreendente plantio. O amor no Slam da Quentura é mesmo uma viagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma perspectiva mais ampla, a ética amorosa não é um produto, não é uma mercadoria, não se resume a um amor esvaziado. O amor é um fazer. E como toda ação, demanda tempo, amadurecimento, envolvimento e persistência. Uma ética amorosa, desta forma, é um percurso da própria vida. Isso se torna importante porque, em meio a uma colisão frequente de amor

enquanto sentimento, existe apenas uma espetacularização momentânea, um viver felizes para sempre, como no final de um filme.

O amor como caminho possui uma relação direta com a construção ética permanente. No Slam da Quentura, os encontros são perpassados por decisões relacionadas à defesa da vida, da cidadania, da causa dos oprimidos, daqueles e daquelas que sofrem pela estrutura de morte: numa sociedade injusta, desigual, patriarcal e racista.

O amor não é um sentimento final, porque ele nunca é apenas um fim em si mesmo, mas também o processo. Logo, uma construção ética cotidiana, que exige uma atualização. Quando colocamos em pauta o Slam da Quentura como uma viagem, é porque o amor viaja entre os corpos negros, periféricos dos jovens que participam do movimento, produzindo saúde, trazendo à tona uma nova perspectiva de amor e de saúde.

Nossa tentativa neste manuscrito foi de ancorar saberes amplos sobre amor, potência de vida, resistência e constatar que as juventudes periféricas não se limitam aos processos de desigualdades, empobrecimento e diversas formas de opressão. Nas periferias sobralenses, existe amor, coletividade e resistência a uma política de morte que escolhe quem vive e quem deve morrer. Aqueles e aquelas que acordam e se preparam para vivenciar o Slam da Quentura carregam uma decisão ética por viver o amor como dimensão pública, política, comunitária, coletiva.

Nessa perspectiva, enfim, para produzir uma práxis transformadora há de se ter também uma visão desconstruída sobre o amor, a periferia e as juventudes. Para falar de amor e movimento cultural, é sempre necessário traçar aspectos históricos, culturais, dinâmicos, revolucionários e dialéticos. Em uma sociedade formada por injustiças sociais, empobrecimento, desigualdades e formas de exclusão, lutar por uma sociedade justa e libertadora é um movimento constante de amor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aline Praxedes de; SILVA, Severino Bezerra da. Educação popular e os movimentos sociais do campo: por uma Pedagogia Decolonial. *Revista de Educação Popular*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 4–23, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/59298>. Acesso em: 13 jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2021.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002211432>. Acesso em: 12 jul. 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. Intersectionality's Definitional Dilemmas. *Annual Review of Sociology*, San Mateo, v. 41, p. 1-20, 2015. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-soc-073014-112142>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Pers-pectiva, 2014.

FANON, Frantz. *Alienação e Liberdade: Escritos Psiquiátricos*. São Paulo: UBU Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2019

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. edição, São Paulo: Global Editora, 2006.

FUINI, Lucas Labigalini. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. *Terr@ Plural, [S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 225–249, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155>. Acesso em 10 jul. 2023.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Educação Não Formal e Cultura Política*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, Porto, 2. série, n. 1, p. 35-50, 2014. Disponível em: https://epale.ec.europa.eu/sites/default/files/gohn_2014.pdf. Acesso em: 01 jul. 2023.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Teorias dos movimentos sociais*. 11. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2022.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Florianópolis, v. 2, n 1, p. 75-91, jan./jul., 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624/12489>. Acesso em: 03 de junho de 2023.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOOKS, Bell. *Salvation black people and love*. 1. ed. New York: Harper Perennial, 2001.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KING, Martin Luther. *The six principles of nonviolence*. Atlanta: Martin Luther King, Jr. Center for Nonviolent Social Change, 2021.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MARTINS, José de Souza . *Os camponeses e a política no Brasil: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MORRISON, Alan. Introduction. In: MORRISON, Alan. (Org.) *Screening in Chronic Disease*, 2. ed. New York: Oxford University Press, 1992. p. 3-20

NETO, Luiz Gomes da Silva. *Assalto a mão letrada: Ataque Poético do Slam da Quentura e a promoção de saúde marginal*. 280 f., Dissertação, Mestrado em Saúde da Família, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família. Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/54790/5/20202_dis_lgsneto.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

NETO, Luiz Gomes da Silva. Assalto a mão letrada: etnografando saúde, amor e revolução por meio do Slam da Quentura. *Mediações*, Londrina, v. 28, n. 1, p. 1-18, jan./abr., 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46498/48373>. Acesso em: 11 jul. 2023.

NETO, Luiz Gomes da Silva. *Música, cultura e resistência: a aprendizagem musical como forma de transformação social*. 179f. Monografia, Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42517/1/2017_tcc_lgsilvaneto.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams:letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro (1885/1886)*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROMÃO, Wagner de Melo. *Nas franjas da sociedade política: estudo sobre o orçamento participativo*. 235 f. Tese, Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-28092010-092315/pt-br.php>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SABINO, Aline. *Performance e aprendizagem no Slam da Quentura em Sobral, Ceará*. 74 f. Monografia, Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2018.

SANTOS, Gabriela Moura dos; PAQUARELLI, Rafael Duarte. Slam como movimento cultural negro: produção de sentidos e práticas de resistência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 84-103, 2016. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8106/pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na américa latina: caminhos para uma política emancipatória?. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, set./dez., 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/6wD3fTrnTjTpZDJQdGvrRzH/?format=pdf&lang=p>t. Acesso em: 10 jun. 2023.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.

SMITH, Bárbara. *Home girls: a black feminist anthology*. Tallahassee: Naiad Pr, 1983.

SOARES DO BEM, Arim. A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o Estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/FzqQKn9DfYLhybbNnfsdWXf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2023.

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópoles: Vozes, 2009.

TOURAINÉ. Alain. *Igualdade e Diversidade: o sujeito democrático*. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 1998.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VIEIRA, Henrique Pastor. *O amor como revolução*. 1. ed. São Paulo: Objetiva, 2019.

WESTON, Kath. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona: Bellaterra, 2003.